

A GRANDE ESTRATÉGIA DOS EUA

Leonam dos Santos Guimarães¹

RESUMO

A Grande Estratégia não é algo particular aos EUA. A diferença está no fato de que talvez esse país tenha sido aquele que colocou seus legítimos objetivos com máxima amplitude e os perseguiu ininterruptamente desde o final do século XVIII, tendo-os alcançado plenamente ao final do século XX. O desafio que se coloca para os EUA no século XXI é manter o que foi conquistado, impedindo o surgimento de ameaças que possam vir a desafiar os objetivos realizados. Muito se teoriza sobre um suposto “declínio do império americano”. A experiência histórica mostra, entretanto, que a continuidade e resiliência dos EUA na busca de seus objetivos, o atual sempre complementando e consolidando o anterior, torna essa possibilidade distante no tempo. Vivemos, entretanto, num mundo de incertezas que nos colocam enormes desafios globais. A resposta da Grande Estratégia dos países a esses desafios, em especial dos EUA, como incontestemente *hegemon*, determinará o futuro que será construído pelas atuais gerações.

O conceito de Grande Estratégia

"A guerra! É uma coisa demasiado grave para ser confiada aos militares". Esta conhecida frase do estadista francês, Primeiro-Ministro logo após a 1ª Guerra Mundial, Georges Clemenceau¹ está na origem do conceito da Grande Estratégia. Esse conceito engloba o gerenciamento dos recursos de uma nação inteira para atingir os objetivos nacionais. Não se trata, portanto, apenas de derrotar um adversário no campo de batalha, mas de como os assuntos militares contribuem para que os objetivos nacionais sejam atingidos.

"Generally defined, grand strategy is the collection of plans and policies by which the leadership mobilizes and deploys the country's resources and capabilities, both military and non-military, to achieve its national goals. Grand strategy exists in the real world of governing, whether it is carefully formulated and articulated in advance, or whether it evolves ad hoc out of the world-views, predilections, and subjectivities of those who govern", segundo definição do *"Interdisciplinary Program of Duke University on American Grand Strategy"*².

Todos os países têm sua Grande Estratégia. Os EUA, entretanto, diferente da maioria dos outros países, alcançaram a maior parte dos seus objetivos estratégicos³. A Grande Estratégia Americana tem guiado a política dos EUA desde a independência do País, conquistada dos britânicos a duras penas após a

Guerra de Independência (1775 – 1783)⁴ e da Guerra de 1812⁵ que consolidou definitivamente a vitória sobre os britânicos.

A Grande Estratégia, porém, nem sempre tem a ver com a guerra. Trata-se da totalidade dos processos que constituem o poder nacional de um país. No caso dos EUA, talvez mais do que para os outros países, a grande estratégia tem sim muito a ver com a guerra, mas também ainda mais com a interação entre a guerra e a economia.

Os Estados Unidos são, historicamente, um país guerreiro⁶, tendo participado de guerras por cerca de 10% da sua existência, desde a independência até janeiro de 2013⁷. Essa estatística inclui somente grandes guerras: a Guerra de 1812, a Guerra México-Americana⁸, a Guerra Civil⁹, a Primeira¹⁰ e a Segunda¹¹ Guerra Mundial, a Guerra da Coreia¹² e a do Vietnã¹³. Não inclui conflitos menores como a Guerra Hispano-

⁴ American Revolutionary War, http://en.wikipedia.org/wiki/American_Revolutionary_War

⁵ War of 1812, http://en.wikipedia.org/wiki/War_of_1812

⁶ Nas palavras do Presidente Theodore Roosevelt, "All the great masterful races have been fighting races, and the minute that a race loses the hard fighting virtues it has lost its proud right to stand as the equal to the best.",

http://en.wikipedia.org/wiki/Theodore_Roosevelt

⁷ America's Wars, Department of Veterans Affairs, Office of Public Affairs, Washington, DC 20420, January 2013,

http://www.va.gov/opa/publications/factsheets/fs_americas_wars.pdf

⁸ Mexican-American War, http://en.wikipedia.org/wiki/Mexican%26%80%93American_War

⁹ American Civil War, http://en.wikipedia.org/wiki/American_Civil_War

¹⁰ United States in World War I

http://en.wikipedia.org/wiki/United_States_in_World_War_I

¹¹ Military history of the United States during World War II, http://en.wikipedia.org/wiki/Military_history_of_the_United_States_during_World_War_II

¹² United States in the Korean War, http://en.wikipedia.org/wiki/United_States_in_the_Korean_War

¹³ Role of the United States in the Vietnam War,

http://en.wikipedia.org/wiki/Role_of_the_United_States_in_the_Vietnam_War

¹ Encyclopédie Larousse en ligne,

http://www.larousse.fr/encycopedie/personnage/Georges_Clemenceau/1137_97

² "Interdisciplinary Program of Duke University on American Grand Strategy", <http://sites.duke.edu/agsp/>

³ Moniz Bandeira, L.A. Formação do Império Americano – da Guerra contra a Espanha à Guerra no Iraque, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2005

Americana¹⁴ ou a “Tempestade no Deserto”¹⁵. Durante o século XX, os EUA fizeram guerra durante 15% do tempo. Na segunda metade do século XX, estiveram em guerra durante 22% do tempo, e desde o início do século XXI os Estados Unidos têm constantemente estado em guerra. A guerra é fundamental na experiência social dos EUA e sua frequência aumenta constantemente. Está enraizada na cultura americana e na sua geopolítica.

Os EUA nasceram de uma cruenta guerra de independência e continuam a lutar até hoje num ritmo cada vez maior. A Grande Estratégia de outros países pode envolver mais questões econômicas do que conflitos, mas os objetivos estratégicos americanos e a Grande Estratégia americana originam-se no medo de perder o que foi conquistado. O mesmo vale para muitas nações. Roma não se constituiu para conquistar o mundo. Ela se constituiu para se defender e, durante esse esforço, tornou-se um império.

No seu início, os EUA poderiam ter ficado plenamente satisfeitos por se tornarem livres do jugo britânico com a vitória na Guerra de 1812. De certa maneira, foi isso que ocorreu com o Brasil, que conquistou sua independência após uma guerra¹⁶ bem menos longa e sangrenta que os EUA¹⁷. A rudeza da Guerra de Independência Americana, entretanto, gerou em seguida novas vulnerabilidades e novos medos de perder o que havia sido duramente conquistado, ou seja, a liberdade de por em prática os amplos e revolucionários princípios estabelecidos pelos “pais fundadores” do país¹⁸.

Os países são guiados pelo medo de perder o que têm. Esse medo, porém, também se constitui em eficaz instrumento político de controle social, pois sociedades amedrontadas reagem como manadas, se deixando levar por gritos de alerta sobre ameaças. Em nome da redução de uma ameaça, muitas vezes superestimada, lideranças podem agir livremente em busca de outros objetivos ligados à Grande Estratégia, que vão muito além da redução da própria ameaça original. A história

da proliferação nuclear desde sua gênese¹⁹ até os dias atuais²⁰ ilustra de forma bastante clara esse fato.

Os EUA têm cinco objetivos geopolíticos que guiam a sua Grande Estratégia²¹. Observemos que esses objetivos aumentam de magnitude, ambição, e dificuldade à medida que se avança no tempo e no espaço.

A Completa Dominação da América do Norte

Se os EUA tivessem continuado a ser uma nação de estados separados entre a costa do Atlântico e as Montanhas Allegheny, é muito improvável que o país tivesse alcançado algo que se aproximasse à dimensão que hoje tem. Não somente teve que se unir como teve que se espalhar pelo vasto território entre as Montanhas Allegheny e as Montanhas Rochosas. Isso deu aos EUA não somente um grande peso estratégico como também uma das terras agrícolas mais ricas do mundo. Ainda mais importante é o fato dessas terras serem sulcadas por um magnífico sistema de rios navegáveis. Essa dádiva da natureza permitiu que todo excedente agrícola do país pudesse facilmente ser exportado para o mercado mundial, criando aquilo que hoje se denomina “agribusiness”. As excepcionais condições dessa região para a agropecuária foi a grande alavanca inicial para o desenvolvimento econômico dos EUA, que até hoje permanecem como o maior produtor mundial.

A Compra da Luisiana da França em 1803²² permitiu que os EUA entrassem nessas terras. Mas foi a Batalha de New Orleans em 1814, em que Andrew Jackson derrotou os ingleses, que deu à nação o verdadeiro controle da região²³, visto que New Orleans era o único ponto de estrangulamento de todo o sistema fluvial. Se Yorktown²⁴ fundou os EUA, a Batalha de New Orleans fundou sua economia. Isso, por sua vez, foi garantido pela Batalha de San Jacinto²⁵, algumas centenas de quilômetros a oeste de New Orleans, onde o exército mexicano foi derrotado pelos texanos e dessa forma nunca voltaria a representar uma ameaça para a bacia do rio Mississippi. Tampouco a derrota do exército mexicano era inevitável. O México era em vários aspectos um país mais desenvolvido e poderoso do que os EUA à época. Sua derrota, entretanto, fez com que os EUA se tornassem a potência dominante na América

¹⁴ Spanish–American War,

http://en.wikipedia.org/wiki/Spanish%E2%80%93American_War

¹⁵ Gulf War, http://en.wikipedia.org/wiki/Gulf_War

¹⁶ Guerra da independência do Brasil,

http://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra_da_independ%C3%Aancia_do_Brasil

¹⁷ Entretanto, o historiador norte-americano Robert Scheina, na sua obra *Latin America's Wars Volume I: The Age of the Caudillo, 1791-1899*

(<http://www.amazon.com/Latin-Americas-Wars-Volume-1791-1899/dp/1574884492>), sustenta que há uma tendência em se minimizar a

cruza dos conflitos latino-americanos da época em função do número de baixas observadas, em comparação com as dos conflitos da América do Norte. Como as populações eram menores, tais eventos percentualmente eram,

porém muito significativos.

¹⁸ Founding Fathers of the United States,

http://en.wikipedia.org/wiki/Founding_Fathers_of_the_United_States

¹⁹ A (Contra) Ameaça Nuclear,

[http://www.defesanet.com.br/geopolitica/noticia/4179/a-\(contra\)-ameaca-nuclear](http://www.defesanet.com.br/geopolitica/noticia/4179/a-(contra)-ameaca-nuclear)

²⁰ O Alarmismo Nuclear,

http://www.academia.edu/4163821/O_Alarmismo_Nuclear

²¹ Friedman, George, *The Next 100 years*, Doubleday, New York, 2009,

disponível em http://www.fd.unl.pt/docentes_docs/ma/amg_MA_11180.pdf

²² Stief, Colin, *The Louisiana Purchase*,

<http://geography.about.com/od/historyofgeography/a/louisianapurchase.htm>

²³ *Battle of New Orleans*, http://en.wikipedia.org/wiki/Battle_of_New_Orleans

²⁴ *Siege of Yorktown*, http://en.wikipedia.org/wiki/Siege_of_Yorktown

²⁵ *Battle of San Jacinto*, http://en.wikipedia.org/wiki/Battle_of_San_Jacinto

do Norte, um país imenso e rico a quem ninguém poderia desafiar²⁶.

A Eliminação de Ameaças no Hemisfério Ocidental

Tendo a América do Norte ficado protegida, a outra única ameaça imediata era proveniente da América do Sul. Na verdade, a América do Norte e a América do Sul são ilhas, não conectadas de fato: o Panamá e a América Central não podem ser atravessados por grandes exércitos. A unificação da América do Sul numa única entidade é, como sempre foi, uma possibilidade remota, tanto do ponto de vista político como do geográfico. Quando se olha um mapa da América do Sul, é possível depreender que aqui não pode haver poder transcontinental. O continente está cortado em dois por um “corredor de isolamento” contínuo formado por regiões de difícil acesso e ocupação populacional: a Amazônia (direção leste-oeste) e os Andes (direção norte-sul). Portanto, não é plausível para os EUA uma ameaça militar proveniente da América do Sul.

As maiores ameaças no hemisfério provêm de potências europeias com bases navais na América Central e no Caribe, assim como forças terrestres no México. Esse foi o fundamento da Doutrina Monroe²⁷ (“América para americanos”), que muito antes dos EUA poderem impedir os europeus de terem bases no continente, fez com que o bloqueio dessas iniciativas fosse uma necessidade estratégica.

Os EUA só se preocupam com a região quando percebe que existe alguma possibilidade de uma potência estrangeira vir a ter bases aqui. A história é rica em exemplos de intervenções político-diplomáticas e militares na América Latina^{28, 29}, especialmente no contexto da Guerra Fria.

Pleno Controle dos Acessos Marítimos para Impedir Qualquer Possibilidade de Invasão

Em 1814, a Marinha Britânica navegou até Chesapeake e incendiou Washington³⁰. Durante todo o século XIX, os Estados Unidos tinham pavor que os britânicos, usando o seu controle avassalador do Atlântico Norte, bloqueassem o seu acesso ao oceano, estrangulando os EUA. Esse não era um medo injustificado: os britânicos de fato consideraram essa possibilidade algumas vezes³¹. Esse medo foi, em outro contexto, a

origem da obsessão americana com Cuba, desde a Guerra Hispano-Americana até a Guerra Fria³².

Tendo assegurado o hemisfério no fim do século XIX, os EUA focaram seu interesse em manter as faixas marítimas próximas de seu litoral livres de potências navais estrangeiras. Para isso, protegeram primeiramente os seus acessos pelo Pacífico. Durante a Guerra Civil, o país adquiriu o Alasca em 1867³³. Em 1898, o Havaí foi anexado³⁴. Essas duas medidas tomadas juntas impediram a ameaça ao continente pelo oeste, eliminando qualquer base de apoio para suprir uma esquadra. Note-se que a ameaça japonesa era considerada relevante no final do século XIX e início do século XX.

Com a vitória na Guerra Hispano-Americana em 1898, a anexação de Porto Rico³⁵ e a independência de Cuba, o acesso Golfo do México e litoral sul dos EUA, onde se encontra o delta do Mississipi, ponto focal do escoamento de sua produção agrícola, foi protegido. Essa vitória ainda trouxe o controle das Filipinas, que reforçou a proteção dos acessos pelo oeste.

Foi bastante marcante à época a excepcional demonstração de força feita pela viagem de circunavegação da *Great White Fleet*³⁶ (16 de dezembro de 1907 a 22 de fevereiro de 1909).

Nesse contexto, ocorre a secessão do Panamá da Colômbia e a construção do canal (1904 – 1914)³⁷ e o seu consequente controle, que permanece até hoje, vital não só para o comércio interno e externo mas também para passagem de forças navais dos EUA entre as costas do Atlântico e Pacífico.

Os EUA protegeram finalmente seu litoral leste, no Atlântico, usando a Segunda Guerra Mundial para se aproveitar da fraqueza britânica, tirando-a de perto da costa americana, pela criação de uma esquadra de um poder tão grande que nenhuma marinha do mundo poderia mais operar na parte ocidental do Atlântico Norte sem a aprovação dos EUA. Com isso se tornaram, de fato, efetivamente invulneráveis a uma invasão.

Dominação Completa dos Oceanos para Garantir o Controle sobre o Comércio Internacional

O fato de os EUA emergirem da Segunda Guerra Mundial não somente com a maior marinha do mundo, mas também com bases navais espalhadas por todos os mares e, posteriormente, com a monitoração por satélite de toda a superfície do planeta, com cada vez

²⁶ Essa visão é o fundamento do conceito de “destino manifesto” surgida nos EUA do século XIX (http://en.wikipedia.org/wiki/Manifest_destiny)

²⁷ *Monroe Doctrine*, http://en.wikipedia.org/wiki/Monroe_Doctrine

²⁸ Latin America–United States relations,

http://en.wikipedia.org/wiki/Latin_America%E2%80%93United_States_relations

²⁹ Os capítulos iniciais de Moniz Bandeira, L. A., *Conflito e Integração na América do Sul - Brasil, Argentina e Estados Unidos - da Tríplice Aliança ao Mercosul 1870-2003*, Editora Revan, Rio de Janeiro, 2003, tratam desse tema.

³⁰ *Burning of Washington*,

http://en.wikipedia.org/wiki/Burning_of_Washington

³¹ *Blockade runners of the American Civil War*,

http://en.wikipedia.org/wiki/Blockade_runners_of_the_American_Civil_War

³² Cuba–United States relations,

http://en.wikipedia.org/wiki/Cuba%E2%80%93United_States_relations

³³ *Alaska Purchase*, http://en.wikipedia.org/wiki/Alaska_Purchase

³⁴ *Annexation of Hawaii, 1898*, <http://history.state.gov/milestones/1866-1898/hawaii>

³⁵ Puerto Rico,

http://en.wikipedia.org/wiki/Puerto_Rico#United_States_colony

³⁶ *Great White Fleet*, http://en.wikipedia.org/wiki/Great_White_Fleet

³⁷ Panama Canal, http://en.wikipedia.org/wiki/Panama_Canal

maior resolução, mudou a forma de funcionamento do mundo. Qualquer embarcação de alto-mar, comercial ou militar, do Golfo Pérsico ao Mar da China do Sul ao Caribe, passou a poder ser permanentemente monitorada pela Marinha dos EUA, que podia decidir entre observá-la, pará-la, ou afundá-la.

A partir do fim da Segunda Guerra Mundial, o peso combinado de todas as esquadras existentes do mundo era insignificante comparado ao poder naval americano. Isto evidencia um fato único da geopolítica mundial, talvez o mais importante: o controle e a liberdade de movimentação dos EUA em todos os oceanos. Nenhuma outra potência na história foi capaz de fazer isso.

O controle e liberdade de movimentação da marinha dos EUA em todos os oceanos são não somente a base da segurança americana, mas também a base da sua capacidade de moldar o sistema internacional. Ninguém vai a lugar algum nos mares se os EUA não aprovarem. No fim das contas, manter o controle dos oceanos do mundo é hoje o objetivo mais importante para os EUA geopoliticamente³⁸.

A estratégia naval emprega navios, submarinos e aeronaves fundamentalmente para³⁹:

- controlar área marítima, para usá-la em proveito próprio;
- impedir ou dificultar (no linguajar profissional, negar) o uso, pelo adversário, de área marítima, cujo controle ou não pode ser exercido (por falta de capacidade) ou não precisa sê-lo (por ausência de interesse); e
- projetar poder sobre terra, realizando bombardeio naval e aeronaval e o desembarque anfíbio; a essas formas tradicionais de projeção foi acrescido o lançamento, por submarinos, de mísseis balísticos com ogivas nucleares.

Isso explica porque a estratégia naval soviética do pós-guerra⁴⁰, arquitetada pelo Almirante Gorshkov⁴¹, privilegiou os submarinos de ataque e aviação naval de longo alcance baseada em terra. Esses são únicos meios capazes de escapar do quase absoluto controle americano dos mares. Também concebeu os submarinos lançadores de mísseis balísticos, inicialmente convencionais e depois nucleares, pois era o único meio para projetar poder sobre terra devido à enorme superioridade das forças de superfície

americanas no pós-guerra, que continua até o presente.

Restava aos soviéticos apenas a possibilidade de negar o uso irrestrito do mar, dificultando o estabelecimento de um efetivo controle, e projetar poder por meio de mísseis lançados por submarinos, já que dificilmente conseguiriam obter controle de áreas marítimas que permitissem realizar bombardeio naval e aeronaval e desembarque anfíbio.

A Impossibilidade de qualquer outra nação enfrentar o poderio naval americano global

Tendo conseguido o feito sem precedentes de dominar todos os oceanos do mundo, os EUA obviamente querem mantê-lo. A forma mais simples de fazer isso tem sido evitar que outras nações construíssem forças navais importantes, e isso podia ser feito assegurando-se de que ninguém tivesse a motivação de construí-las ou tivesse recursos para tanto. Uma estratégia, “a cenoura”, é ter certeza de que todo mundo tem acesso ao mar sem precisar construir uma força naval. A outra estratégia, “o porrete”, é manter possíveis inimigos em confrontos terrestres para que sejam forçados a exaurir os seus recursos militares em tropas, tanques e aeronaves, tendo poucos recursos para suas forças navais.

Nesse sentido, conforme já tinha visualizado o Almirante Gorshkov no pós-guerra, a proliferação de submarinos⁴², em especial aqueles de propulsão nuclear⁴³ continuam sendo a maior ameaça ao controle e liberdade de movimentação da marinha dos EUA em todos os oceanos.

Os EUA emergiram da Guerra Fria tanto com um novo interesse quanto com um objetivo fixo⁴⁴: evitar que qualquer potência da Eurásia se tornasse suficientemente segura e pudesse dirigir os seus recursos para a construção de um poder naval importante. Com a queda da URSS não havia mais uma ameaça única de hegemonia eurásiana. Os EUA se concentraram então em evitar a emergência de hegemonias secundárias que poderiam desenvolver segurança regional suficiente para disputar o controle de áreas marítimas de seu interesse. Por conseguinte, os Estados Unidos trabalharam para criar continuamente uma série variável de alianças, muitas vezes contraditórias, mas concebidas para restringir qualquer hegemonia regional possível.

³⁸ Russell, Greg, *Alfred Thayer Mahan and American Geopolitics: The Conservatism and Realism of an Imperialist*, http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/14650040500524137#_UvgFZPI_dXao

³⁹ Submarino de Propulsão Nuclear, <http://www.submarinosdobr.com.br/SubPropNuc.htm>

⁴⁰ MccGwire, Michael, *Naval Power and Soviet Global Strategy*, *International Security* Vol. 3, No. 4 (Spring, 1979), pp. 134-189, disponível em <http://www.jstor.org/discover/10.2307/2626766>

⁴¹ Sergey Gorshkov, http://en.wikipedia.org/wiki/Sergey_Gorshkov

⁴² Submarine Proliferation Resource Collection, <http://www.nti.org/analysis/reports/submarine-proliferation-overview/>

⁴³ Nuclear submarines in Third World: a proliferation issue ?, http://www.faap.br/revista_faap/rel_internacionais/nuclear.htm

⁴⁴ Visões americanas da ordem pós-guerra, in Robert J. MacMahon, *Guerra Fria*, Tradução de Rosaura Eichenberg, L&PM Pocket, Rio de Janeiro, 2012, pág 14-15, disponível em

http://www.lpm.com.br/livros/lmagens/guerra_fria_encyclopaedia_trecho.pdf

Os EUA tinham que estar preparados para intervenções imprevisíveis por todo o território eurasiático. Com o processo de dissolução da URSS, o país começou a lançar uma série de operações concebidas para manter o equilíbrio regional e bloquear o surgimento de uma potência local. A Guerra Irã-Iraque⁴⁵ é um clássico exemplo de como se pode realizar tal tipo de bloqueio simultaneamente a dois aspirantes à potência regional sem necessidade de intervenção militar direta.

A primeira maior intervenção foi no Kuwait, onde os EUA inibiram ambições iraquianas à época em que a União Soviética se esfacelava. A próxima foi na Iugoslávia, com o objetivo de impedir a emergência da hegemonia sérvia nos Bálcãs. A terceira série de intervenções foi no mundo islâmico, concebida para impedir o desejo da Al-Qaeda (ou de qualquer outro) de criar um império islâmico. As intervenções no Afeganistão⁴⁶ e no Iraque⁴⁷ fazem parte desse esforço.

Apesar de todo o alvoroço, essas foram questões menores. No Iraque, a maior operação, os EUA usaram menos de 200.000 soldados e tiveram menos de 5.000 mortos. Isso representa cerca de 6 a 8% das perdas sofridas no Vietnã, e cerca de 1% das perdas da Segunda Guerra Mundial⁴⁸. Para um país de mais de um quarto de bilhão de pessoas, uma força de ocupação dessa dimensão é insignificante.

Mackinder, Mahan e Spykman

Deixando a retórica de lado, os EUA não têm prioritariamente interesse que Eurásia esteja em paz. Tampouco têm interesse em ganhar guerras imediatamente. Como no Vietnã e na Coreia, o objetivo desses conflitos é simplesmente impedir a ascensão de uma potência ou desestabilizar uma região, não impor a ordem. No tempo devido, mesmo uma derrota seria aceitável, desde que esse objetivo fosse atingido.

Os formuladores americanos de políticas aprenderam com a experiência da Segunda Guerra Mundial que nunca mais poderiam permitir que um Estado ou uma coalizão de Estados hostil ganhasse controle preponderante sobre as populações, os territórios e os recursos da Europa e da Ásia Oriental. Essa foi a base da estratégia de contenção da URSS durante a Guerra Fria⁴⁹, derivada da visão de Mackinder⁵⁰.

Mackinder foi um geógrafo e geopolítico inglês. Em 1904, publicou o artigo *The Geographical Pivot of*

*History*⁵¹, onde formulou a Teoria da Terra Central (*Heartland*), que influencia a política externa das potências mundiais desde então, em especial a dos EUA no pós-guerra. O artigo sugere que o controle da Europa do Leste seria vital para o controle do mundo. Ele formulou sua hipótese como: “*Who rules East Europe commands the Heartland; Who rules the Heartland commands the World-Island; Who rules the World-Island commands the world*”. Seus seguidores alemães muito influenciaram a estratégia nazista da Segunda Guerra Mundial⁵².

As “terras centrais” eurasiáticas figuram como o maior troféu estratégico-econômico mundial. Sua combinação de ricos recursos naturais, infraestrutura industrial avançada, mão de obra qualificada e instalações militares sofisticadas a tornam o fulcro do poder mundial, como os acontecimentos de 1940-1941 deixaram dolorosamente claro. Se tal eventualidade vier a acontecer de novo, o sistema internacional seria mais uma vez gravemente desestabilizado, o equilíbrio do poder mundial alterado e a segurança física dos EUA submetida a graves riscos.

Os EUA, entretanto, não têm como objetivo dominar as “terras centrais”, mas impedir que alguém venha outra vez a dominá-las, daí a contenção da URSS durante a Guerra Fria. O princípio de usar uma força mínima somente quando for absolutamente necessário para manter o equilíbrio de poder da Eurásia é, e permanecerá sendo, a força motriz da política externa americana ao longo de todo o século XXI.

Haverá outras intervenções militares em lugares e momentos imprevisíveis. As ações americanas parecerão irracionais e assim seriam caso o objetivo principal fosse estabilizar uma região. Contudo, visto que o seu objetivo principal tem mais probabilidade de ser simplesmente impedir ou desestabilizar poderes emergentes, as intervenções serão bastante racionais. Nunca parecerá que farão qualquer coisa que possa se aproximar de uma “solução” e isso sempre será feito com força insuficiente para ser decisivo.

À vertente de “negação” do controle das “terras centrais” se soma a vertente de “afirmação” do controle e liberdade total de movimentação nos oceanos.

A grande estratégia americana é também fortemente centrada no pensamento estratégico de Mahan sobre o poder marítimo. Seus trabalhos, realizados a partir de

⁴⁵ Iran-Iraq War, http://en.wikipedia.org/wiki/Iran%E2%80%93Iraq_War

⁴⁶ War in Afghanistan (2001–present), [http://en.wikipedia.org/wiki/War_in_Afghanistan_\(2001%E2%80%93present\)](http://en.wikipedia.org/wiki/War_in_Afghanistan_(2001%E2%80%93present))

⁴⁷ 2003 invasion of Iraq, http://en.wikipedia.org/wiki/2003_invasion_of_Iraq

⁴⁸ Vide nota 9

⁴⁹ Vide nota 24

⁵⁰ Halford Mackinder, http://en.wikipedia.org/wiki/Halford_Mackinder

⁵¹ A Aliança da Geografia com a Política

https://www.academia.edu/6033808/A_ALIANCA_DA_GEOGRAFIA_COM_A_POLITICA

⁵² Wesley de Souza Arcassa, Paulo Fernando Cirino Mourão, Karl Haushofer: a Geopolitik Alemã e o III Reich, Revista Geografia em Atos, Departamento de Geografia da FCT/UNESP, Presidente Prudente, n. 11, v.1, janeiro a junho de 2011, p. 1-14, disponível em <http://revista.fct.unesp.br/index.php/geografiaematos/article/viewFile/249/arcassa>

finais do século XIX, influenciaram diretamente, e seguem influenciando indiretamente, gerações sucessivas de políticos e militares nos EUA e em todo o mundo⁵³.

Mahan era um homem profundamente convicto da importância perene da guerra no mar, quaisquer que fossem as mudanças proporcionadas pelas novas tecnologias ou viabilizadas pelas novas táticas. Nestas circunstâncias, considerava que o poder marítimo era decisivo na centralidade e grandeza das nações.

Seu conceito de poder marítimo implicava possuir uma grande força naval, destinada a alcançar o controle do mar, que impediria outros países de interferir ou ameaçar o seu comércio. O controle do mar era alcançado pela concentração e emprego da esquadra de combate na batalha decisiva. A operação da esquadra de combate durante longos períodos, requeria a posse de bases navais em regiões estrategicamente relevantes. Como complemento à hipótese de Mackinder, pode-se parafrasear o que seria hipótese de Mahan⁵⁴: “*Who rules the World-Sea commands the world*”.

A integração da “negação” de Mackinder com a “afirmação” de Mahan é feita pela teoria da fímbrias (*rimland*) de Nicholas J. Spykman⁵⁵. Para ele, quem tem o poder mundial não é quem controla diretamente a *heartland*, mas quem é capaz de cercá-la, e para isso o poder marítimo de Mahan, é fundamental⁵⁶.

Conclusão

Os EUA têm cinco objetivos geopolíticos que guiam a sua Grande Estratégia:

- a completa dominação da América do Norte pelo seu Exército, fato incontestável desde o final do século XIX e pouco plausível de ser desafiado;
- a eliminação de qualquer ameaça vinda de qualquer potência no Hemisfério Ocidental, sendo as mais plausíveis provenientes de bases navais de potências do outro hemisfério na América Central e no Caribe;
- pleno controle dos acessos marítimos ao seu território pela *US Navy*, de forma a impedir qualquer possibilidade de ataque, bloqueio ou invasão;
- dominação completa dos oceanos do mundo para proteger ainda mais a segurança física de seu

território e garantir o controle sobre o sistema de comércio internacional;

- a impossibilidade de qualquer outra nação enfrentar o poderio naval americano global, garantindo total liberdade de movimentação nos oceanos, o que permite ações de presença e intervenções militares em qualquer lugar do mundo.

A segmentação da Grande Estratégia dos EUA nesses cinco objetivos constitui o fundamento das ações para alcançar os Interesses Nacionais Permanentes do país, como apresentados por Donald Nuechterlein⁵⁷:

- defesa do território;
- bem-estar econômico e promoção dos produtos estadunidenses no exterior;
- promoção no exterior dos valores dos EUA;
- criação de uma ordem mundial favorável (ambiente internacional seguro).

Tendo alcançado sistematicamente os seus objetivos estratégicos, os EUA tem o objetivo último de evitar a emergência de qualquer potência que possa ameaçar seu controle e liberdade nos mares, conforme Mahan, e que possa dominar sozinha ou formar uma coalizão que venha a controlar partes significativas das “terras centrais” de Mackinder.

O paradoxo, entretanto, reside no fato de que o objetivo das intervenções militares dos EUA que de tempos em tempos ocorrem, as últimas sob a égide da “Guerra ao Terror”⁵⁸, nunca são para atingir algo, independentemente do que a retórica política possa dizer, mas para evitar algo. Os EUA querem evitar estabilidade em áreas em que uma potência regional possa surgir e ameaçar seus eixos estratégicos de Mahan e Mackinder. O objetivo não é, em geral, estabilizar, mas desestabilizar, impedindo que o uso do mar lhe seja negado ou que um Estado ou uma coalizão de Estados hostil possa vir a ter controle preponderante sobre populações, territórios e recursos da Eurásia.

Em casos mais críticos, como a reação imediata aos ataques do terrorismo islâmico, o poder militar é exercido na sua plenitude, com seus altos custos humanos e financeiros. Em outros casos, porém, o uso do *soft power*⁵⁹ é menos oneroso e, eventualmente, mais efetivo.

⁵³ A principal obra de Mahan é *The Influence of Sea Power Upon History, 1660-1783*, disponível em <http://www.gutenberg.org/files/13529/13529-h/13529-h.htm>

⁵⁴ Ribeiro, António Silva, Mahan e as marinhas como instrumento político, http://www.revistamilitar.pt/artigo.php?art_id=569

⁵⁵ Nicholas J. Spykman, http://en.wikipedia.org/wiki/Nicholas_J._Spykman

⁵⁶ Essa abordagem é resumida no artigo “Novas teorias sobre poder mundial”, do General Meira Mattos, publicado na Folha de São Paulo de 11 de março de 2005. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz1103200509.htm>

⁵⁷ NUCHESTERLEIN, Donald. America Recommitted: United States National Interests in a Reconstruction World, in *Security and Force Planning* (Capítulo 7). Second Edition. Naval War College, Newport, EUA. 1997. Página 97, Disponível em <http://www.donaldnuechterlein.com/>

⁵⁸ *War on Terror*, by Anup Shah, Last Updated October 07, 2013, <http://www.globalissues.org/issue/245/war-on-terror#ResultingWaronTerror>

⁵⁹ Guilherme Mattos de Abreu, Reflexões Sobre o “Soft Power”, Revista da Escola de Guerra Naval. – v. 19, jun. 2013. – Rio de Janeiro. p. 203 - 244. http://www.egn.mar.mil.br/arquivos/revistaEgn/pagina_revista/n19_edicao19_1.pdf.

No mundo em rede atual, onde as informações e a comunicação ocorrem num volume e velocidade nunca antes visto na história, ações de inteligência realizadas por agentes locais ou infiltrados bem treinados e orientados tem enorme poder de desestabilização do sistema político e econômico de um país, impedindo sua emergência como uma ameaça aos eixos estratégicos básicos dos EUA. Para isso, a estrutura conceitual⁶⁰ da teoria da resistência não violenta, da qual Gene Sharp é o maior expoente⁶¹ torna-se uma ferramenta útil. Os movimentos de protestos que vem eclodindo em diversos locais do mundo nesta segunda década do século XXI não devem estar alheios a esse fato.

A Grande Estratégia não é algo particular aos EUA. A diferença está no fato de que talvez esse país tenha sido aquele que colocou seus legítimos objetivos com máxima amplitude e os perseguiu ininterruptamente desde o final do século XVIII, tendo-os alcançado plenamente ao final do século XX. O desafio que se coloca para os EUA no século XXI é manter o que foi conquistado, impedindo o surgimento de ameaças que possam vir a desafiar sua dominação completa dos oceanos e o conseqüente controle que têm sobre o comércio internacional.

Desde o célebre livro de Paul Kennedy⁶², muito se teoriza sobre um suposto “declínio do império americano”. A experiência histórica mostra, entretanto, que a continuidade e resiliência dos EUA na busca de seus objetivos, o atual sempre complementando e consolidando o anterior, torna essa possibilidade distante no tempo.

O objetivo estratégico atual de impossibilitar qualquer outra nação enfrentar o poderio naval americano global é o corolário necessário do objetivo anterior, de dominação completa dos oceanos para garantir o controle sobre o comércio internacional. A tática de desestabilização usada para atingir o objetivo atual poderá ser modificada caso os resultados não continuarem a ser exitosos ou poderá ser estabelecido outro objetivo, prolongando dessa forma o ciclo.

Vivemos, entretanto, num mundo de incertezas que nos colocam enormes desafios globais⁶³, como a demografia, mudança climática, segurança energética, e o renascimento de uma certa “irracionalidade filosófica” cujos exemplos típicos são o fundamentalismo religioso e o fanatismo político, se apresentando como a única fonte de certeza, e aquilo

que podemos chamar de “lado negro” da globalização, dos quais desigualdades, crises financeiras, terrorismo e pandemias são alguns de seus aspectos.

A resposta da Grande Estratégia dos países a esses desafios, em especial dos EUA, como incontestado *hegemon*, determinará o futuro que será construído pelas atuais gerações.

¹ Doutor em Engenharia, é Diretor Técnico-Comercial da Amazônia Azul Tecnologias de Defesa S.A. (AMAZUL) e membro do *Standing Advisory Group on Nuclear Energy* (SAGNE) da Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA), email: leosg@uol.com.br

⁶⁰ Gene Sharp, *Da Ditadura à Democracia - Uma Estrutura Conceitual para a Libertação*, The Albert Einstein Institution, Quarta Edição, Maio de 2010, East Boston, MA 02128, EUA, <http://bibliot3ca.files.wordpress.com/2011/03/da-ditadura-a-democracia-gene-sharp2.pdf>

⁶¹ Gene Sharp, http://en.wikipedia.org/wiki/Gene_Sharp

⁶² *A Ascensão e a Queda das Grandes Potências*, Editora Campus, 1989

⁶³ *Towards a Grand Strategy for an Uncertain World*, Noaber Foundation, 2007, http://csis.org/files/media/isis/events/080110_grand_strategy.pdf